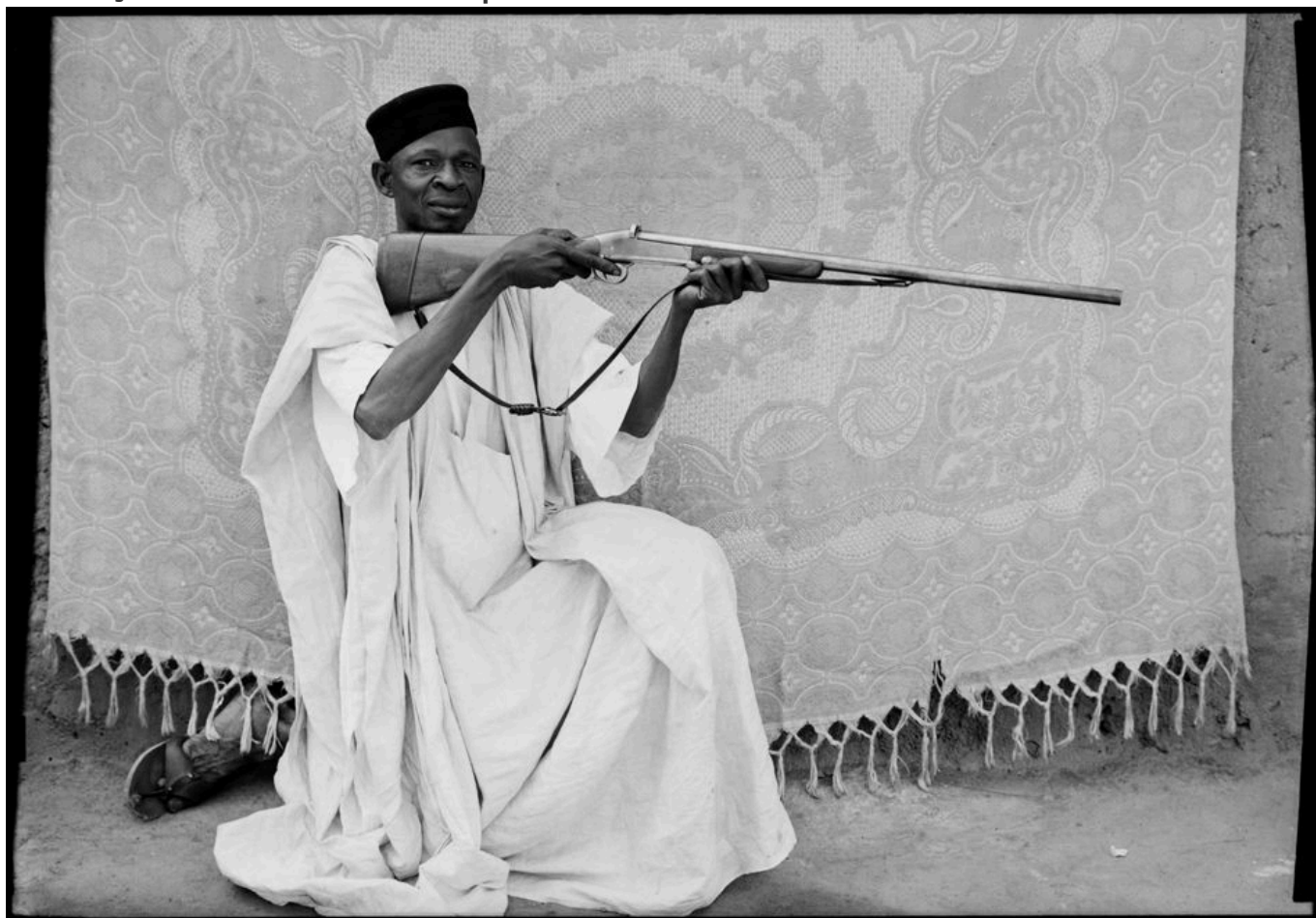


## Ruptura do Mali com a França é um sintoma de fissuras na Aliança Transatlântica | Carta semanal 48 (2022)



Seydou Keita (Mali), *Sem título*, 1948-1954.

Queridas amigas e amigos,

Saudações do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social.

Em 21 de novembro de 2022, o primeiro-ministro interino do Mali, coronel Abdoulaye Maïga, emitiu uma declaração nas redes sociais anunciando a decisão do governo de “proibir, com efeito imediato, todas as atividades realizadas por ONGs [francesas] que operam no Mali”. Esse anúncio veio alguns dias depois que o governo francês cortou a Ajuda Oficial ao

Desenvolvimento para o Mali, alegando que o governo do país africano é “aliado aos mercenários russos de Wagner” (referindo-se à empresa militar privada russa, o Wagner Group). O coronel Maïga chamou as reivindicações francesas de “alegações fantasiosas” e um “subterfúgio destinado a enganar e manipular a opinião pública nacional e internacional com o objetivo de desestabilizar e isolar o Mali”.

Essa é a expressão mais recente de um novo estado de [espírito](#) que tomou conta das áreas do norte da África onde a França já exerceu o domínio colonial. Os debates nesses países – da Argélia a Burkina Faso – colocaram em questão a atual intervenção militar da França na região (um ciclo que começou com a Costa do Marfim em 2002), bem como seu contínuo domínio econômico de quatorze países nas regiões da África Ocidental e Central através de um conjunto de mecanismos monetários (incluindo a utilização do franco CFA como moeda, que esteve sob o controle do Tesouro francês até dezembro de 2019). Nos últimos anos, Burkina Faso e Mali – ambos governados por militares – [expulsaram](#) tropas francesas de seus territórios, enquanto os oito países da [União Econômica e Monetária da África Ocidental](#) (Uemoa, na sigla em francês) e os seis países da [Comunidade Econômica e Monetária da África Central](#) (Cemac, na sigla em francês) fizeram esforços para libertar lentamente suas economias do controle francês. Por exemplo, em 2019, a Uemoa chegou a um [acordo](#) com a França para acabar com a exigência que obrigava os países da África Ocidental a manter metade de suas reservas cambiais no Tesouro francês e remover o representante da França do conselho da união econômica como parte de um plano mais amplo para substituir o franco CFA por uma nova moeda regional chamada eco.



Aboudia (Costa do Marfim), O aventureiro II, 2018.

As forças armadas francesas continuam a ter uma forte presença no norte da África: retiram-se apenas parcialmente da região do Sahel e mantêm laços militares e diplomáticos estreitos em países como o Níger. Jean-Luc Mélenchon, o líder do partido socialista democrático La France Insoumise, me disse no ano passado que “não há urânio na França, nós importamos

principalmente do Níger e do Cazaquistão”. Uma em cada três lâmpadas na França é iluminada por urânio do Níger, e é por isso que as tropas francesas guarnecem a cidade de Arlit, rica em urânio. A retirada francesa indica o fim de suas intervenções militares neocoloniais e estruturas de acumulação na região? A realidade é muito mais complexa. Essas retiradas parciais estão ocorrendo no contexto mais amplo de tensões na aliança transatlântica entre a Europa e a América do Norte, uma dinâmica que requer uma avaliação cuidadosa.

Em outubro, perguntei a Abdallah El Harif, do Partido da Via Democrática dos Trabalhadores no Marrocos, sobre as crescentes tensões entre a França e a monarquia marroquina. No verão passado, dez países [participaram](#) do exercício militar African Lion 2022 do Comando dos EUA para a África, que foi realizado parcialmente no Marrocos. Esse exercício militar maciço e outras manobras desse tipo colocaram a França de lado, que abertamente [mostrou](#) seu aborrecimento com essa dinâmica. O Marrocos, [me contou El Harif](#), “desenvolveu enormemente suas relações militares com os Estados Unidos”.

Enquanto as tropas francesas estão sendo despejadas da região, tropas americanas e britânicas parecem estar tomando seu lugar. Em 2017, cinco países da África Ocidental [criaram](#) a Iniciativa Accra, para combater a expansão da ameaça islâmica da região do Sahel; dois anos depois, em 2019, a pioneira da iniciativa, Gana, inaugurou uma base militar dos EUA em seu aeroporto internacional chamada West Africa Logistics Network. “Centenas de soldados americanos foram vistos chegando e saindo”, [me contou Kwesi Pratt Jr](#), um líder do Movimento Socialista de Gana. “A suspeita é que eles possam estar envolvidos em algumas atividades operacionais em outros países da África Ocidental e geralmente em todo o Sahel”. Uma controvérsia está se desenrolando em Gana sobre a participação da Grã-Bretanha na Iniciativa Accra, [anunciada](#) no parlamento britânico em novembro, e o [envio](#) de tropas britânicas no país e na região. Conforme [indicamos](#) no dossiê n. 42 (julho de 2021), *Defendendo nossa soberania: as bases militares dos EUA na África e o futuro da unidade africana*, embora as cadeiras estejam sendo embaralhadas entre a França, o Reino Unido e os Estados Unidos, a militarização da África continua.



Priya Ramrakha (Quênia), *Soldados em Treinamento*, 1967.

Ao longo dos últimos anos, a indústria de armas francesa recebeu alguns golpes decisivos. Em 2021, o Reino Unido e os Estados Unidos [pressionaram](#) a Austrália para quebrar um contrato de 2016 para comprar doze submarinos movidos a diesel do Grupo Naval da França; em vez disso, sob um novo acordo com os EUA e o Reino Unido, conhecido como AUKUS, a Austrália compraria submarinos nucleares da Electric Boat (EUA) e da BAE Systems (Reino Unido). Enquanto isso, como consequência de uma maior colaboração entre Alemanha e Estados Unidos sobre provisões militares para o exército ucraniano durante os últimos oito meses, a Alemanha mudou suas próprias compras militares dos fabricantes de armas europeus para os estadunidenses. Em março, por exemplo, a Alemanha [anunciou](#) que eliminaria gradualmente os caças Tornado, produzidos na Europa, em favor dos caças F-35, produzidos nos Estados Unidos. Além disso, à medida que aumentam as sanções europeias à Rússia, a França se distancia cada vez mais do mercado russo, para o qual [continua](#) vendendo equipamentos militares sofisticados, apesar de várias restrições decretadas desde 2014. Os três [maiores](#) mercados de vendas de armas francesas – Índia, Catar e Egito – também sinalizaram que podem mudar para fornecedores dos

EUA e da Rússia (os dois principais exportadores de armas do mundo).

A velha tradição da política externa gaullista da França e uma perspectiva realista das conexões entre a Europa e a Rússia levaram o presidente francês Emmanuel Macron a tentar facilitar uma reaproximação entre os Estados ocidentais belicosos e a Rússia nos últimos oito anos, por meio do [Formato da Normandia](#). Em seu livro *Révolution*, de 2016, Macron [escreveu](#) que “afastar a Rússia da Europa é um erro estratégico profundo”. Essa inclinação para uma política externa francesa independente desapareceu, reduzida pela mudança no equilíbrio de forças durante a guerra na Ucrânia e quebrada em grande medida pela pressão dos EUA para isolar e “[enfraquecer](#)” a Rússia.

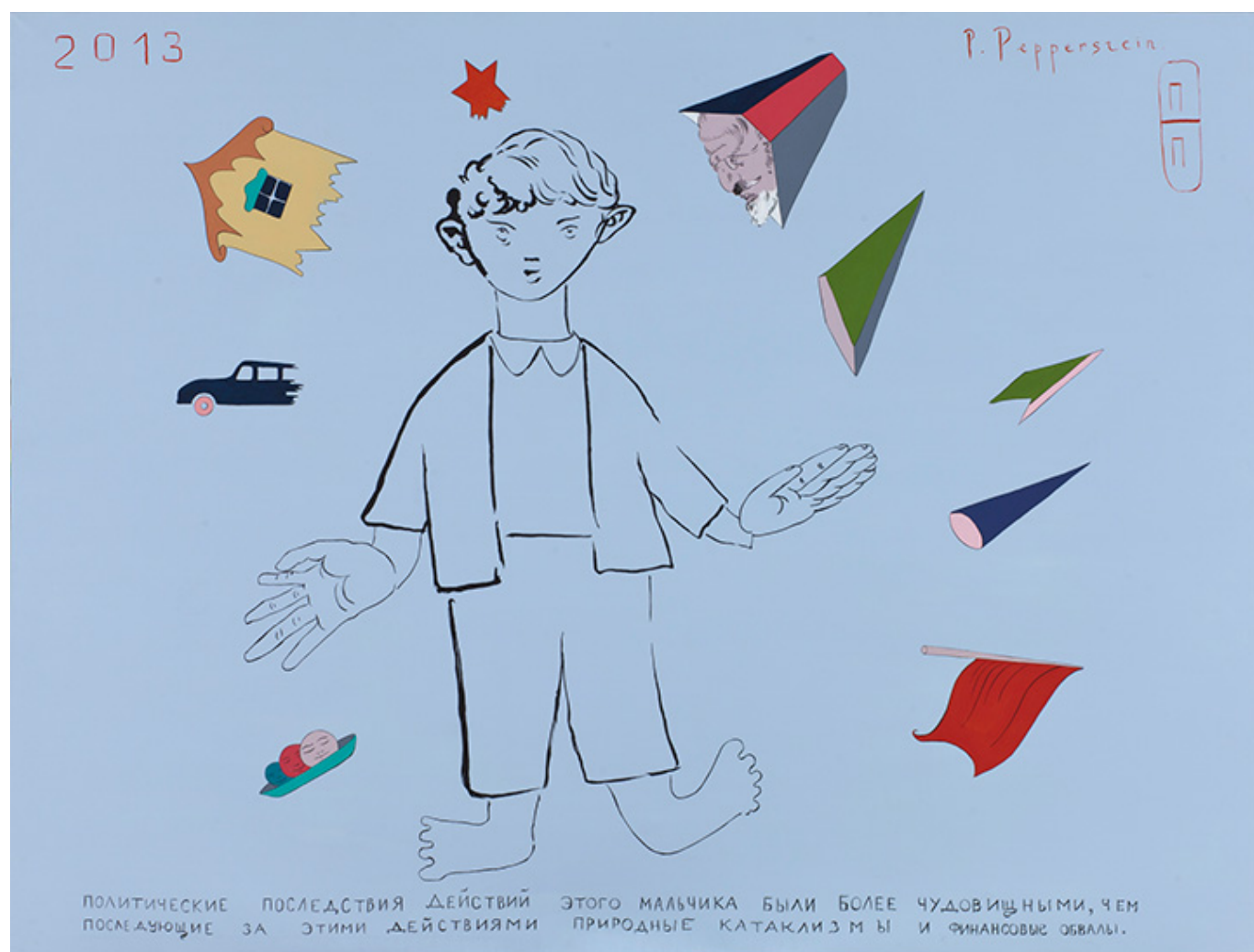
Nos últimos meses, a França usou o crescente sentimento anti-Rússia no Ocidente para argumentar que suas perdas na África não se devem por conta de suas próprias aventuras neocoloniais, mas sim ao “[projeto predatório](#)” da Rússia no continente. Os desvios de Macron são acompanhados por uma falta de clareza nas ruas de cidades por toda a Europa, onde a crise do custo de vida levou a [manifestações](#) massivas, cujas palavras de ordem não expressaram uma compreensão clara das causas da inflação galopante. Não há sinal de uma abordagem europeia independente para a guerra na Ucrânia que possa aliviar o fardo da população europeia.



Leonce Raphael Agbodjélou (Benin), *Egungun Masquerade XII*, 2015.

No início de 2021, o presidente dos EUA, Joe Biden, afirmou que “a América está de volta, a aliança transatlântica está de volta”. Esse pronunciamento veio dois anos depois que Macron disse que a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), eixo dessa aliança, estava

sofrendo de “morte cerebral”. A **resposta** de Macron à declaração de Biden sobre o retorno dos Estados Unidos foi simples: “por quanto tempo?”. A **visita** de Macron a Washington semana passada tem revelado a tensão entre a exigência dos Estados Unidos de subordinação europeia e a necessidade de independência da Europa em relação aos requisitos de segurança nacional dos Estados Unidos. A alternativa - juntar-se à integração **histórica** entre a Europa e a Ásia (incluindo a Rússia e a Turquia) - traria grandes vantagens para a sociedade europeia, mas é sacrificada por conta dos interesses dos Estados Unidos.



Pavel Pepperstein (Rússia), *Political Consequences of Actions*, 2013.

Enquanto isso, no ano passado, o ministro da defesa do Mali, coronel Sadio Camara, e seu chefe da Força Aérea, general Alou Boï Diarra, viajaram várias vezes para a Rússia, supostamente



tendo sido os “arquitetos” do acordo para trazer várias centenas de mercenários combatentes do Grupo Wagner da Rússia para o Mali em dezembro de 2021. Os soldados do Grupo Wagner no Mali forneceram à França uma desculpa para ignorar o sentimento anti-francês mais amplo na África Ocidental e no Sahel, bem como para evitar o fato de que sua presença militar no continente está sendo suplantada pela Grã-Bretanha e pelos Estados Unidos. A presença russa no continente africano é minúscula (embora crescente desde a cúpula Rússia-África de outubro de 2019 em Sochi), mas fornece a Paris uma justificativa útil para o rebaixamento do *status* da França no continente e, de fato, no mundo.



Malick Sidibé (Mali), *Pique nique na estrada*, 1972.

Essa não é a primeira vez que o Mali se afasta da França para desenvolver um projeto nacional independente. Em 1960, o Mali conquistou sua independência e o presidente Modibo Keita liderou o país em sua busca por estabelecer a soberania e contribuir para o desenvolvimento de uma política pan-africanista para o continente. Em 1968, o general Moussa Traoré deixou o

quartel e derrubou o governo socialista de Keïta. A derrubada de Keïta não foi singular; o golpe no Mali fez parte de uma série de golpes militares no continente, do Burundi (contra Louis Rwagasore em 1961) e da República Democrática do Congo (contra Patrice Lumumba em 1961) ao Togo (contra Sylvanus Olympio em 1963) e Gana (contra Kwame Nkrumah em 1966).

Refletindo sobre o golpe de 1968, o ministro das Comunicações de Keïta, Mamadou el-Béchir Gologo, [disse](#) que Traoré era “apenas uma ferramenta a serviço da França e de outras nações que queriam livrar a África de seus filhos considerados rebeldes”. Embora Mali tenha sido forçado a pagar o preço por sua rebeldia desde os [experimentos socialistas](#) de Keïta, seu povo continuou a resistir. “A coragem e a convicção proíbem a retirada, não importa o que aconteça”, escreveu Gologo em *My Heart Is a Volcano* (1961). ‘Viver é uma aventura que se deve assumir sem hesitar’.

Cordialmente,

Vijay.